

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO

Matheus Passos Beck

ESTÁDIOS PÓS-MODERNOS PARA UM FUTEBOL HIPER-REAL:
análise comparativa das arenas para a Copa do Mundo de 2014

PORTO ALEGRE

2012

Matheus Passos Beck

Estádios Pós-Modernos para um Futebol Hiper-Real:
análise comparativa das arenas para a Copa do Mundo de 2014

Artigo acadêmico apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Jornalismo Esportivo.

Orientador – Prof Dr Arlei Damo

PORTO ALEGRE

2012

*A Edelson, Fernando e Valmir,
melhor miolo de zaga que vi jogar.*

AGRADECIMENTOS

À Carol, que em setembro de 2006 começou uma prova de amor que continua até hoje em todas as tardes de domingo – e nas noites de segunda e terça.

À primeira turma do curso, que soube moldá-lo e conduzi-lo à sua maneira. Em especial, ao Gustavo e à Andreza, companheiros que me enriqueceram culturalmente com material e conteúdo para nossas discussões filosóficas.

Aos professores, que se dedicaram para distribuir conhecimento a pessoas diferentes, de áreas diferentes, com interesses diferentes.

A Herbert Chapman, Matt Busby, Bill Shankly, Brian Clough, Alex Ferguson, Arsène Wenger, Bobby Robson e Oswaldo Rolla.

Estádios Pós-Modernos para um Futebol Hiper-Real:
análise comparativa das arenas para a Copa do Mundo de 2014

Matheus Passos Beck
Especialização em Jornalismo Esportivo/UFRGS

RESUMO

Neste artigo, procuro entender os mecanismos de controle à violência dos estádios de futebol, em especial das 12 arenas esportivas do país relacionadas à Copa do Mundo em 2014. Para isso, busco demonstrar por que, em determinados períodos, a concepção dos estádios de futebol teve de ser repensada. Em seguida, procuro analisar os itens apresentados como motivação para reforma ou construção dos estádios brasileiros para o Mundial, assim como exploro as sugestões da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e do Relatório Taylor _ que modificou o perfil dos estádios britânicos. Por fim, aponto as possíveis consequências dessas mudanças no atual cenário e como o público esportivo ficará inserido dentro da esfera esportiva. A análise acerca da violência e dos elementos civilizadores foi fundamentada nos textos de Norbert Elias e Eric Dunning e no resgate histórico feito por Richard Giulianotti. Este autor também foi responsável por oferecer os dados que me fizeram buscar os relatórios oficiais responsáveis pela ordenação dos estádios e pelo olhar na obra de Michel Foucault e Jeremy Bentham no que se refere ao cerceamento à violência. Para a avaliação das possíveis consequências desses processos, Jean Baudrillard foi de grande importância, assim como o próprio Elias.

PALAVRAS-CHAVE: Copa do Mundo, estádios de futebol, violência, hiper-realidade, pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

Em 2014, o Brasil terá 12 novas arenas esportivas feitas para a Copa do Mundo – sem considerarmos as arenas do Grêmio, do Palmeiras, o novo Morumbi e diversas outras construídas sob a mesma égide. Exclusivamente para o Mundial, são cinco estádios em processo de reforma (Beira Rio, Arena da Baixada, Maracanã, Mineirão e Castelão), outros cinco sendo construídos desde as suas fundações (as arenas Corinthians, Pantanal, Pernambuco, Amazônia e das Dunas) e mais dois (Mané Garrincha e Fonte Nova) que foram demolidos e estão sendo erguidos a partir de uma nova concepção. O objetivo é adequar-se às exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Como é sabido, uma série de regras é imposta pelo órgão organizador do evento ao país que pretende receber o Mundial. Cada cidade que abrigar jogos entre seleções deve oferecer condições ao público, aos órgãos diretivos e às delegações sob pena de, em caso de desobediência à regulamentação, perder o direito de sediar o evento.

Não caberá aqui julgar a validade das regras ou a forma como elas são colocadas. A análise das sugestões da FIFA se dará somente para localizar historicamente a situação dos estádios brasileiros em relação ao controle de manifestações de violência. Crê-se que, com as reformulações, haverá uma forma distinta de comportamento dos espectadores. Da mesma forma, é impreciso determinar como serão as respostas do público. Mesmo assim, serão buscados vestígios na história que permitam entender qual rumo o público do futebol brasileiro está tomando.

Outrossim, não será feito um resgate histórico sobre todos os períodos arquitetônicos pelos quais passaram os espaços físicos do futebol, desde sua pré-história, em gramados sem delimitação, até os mais avançados tecnologicamente. De maneira mais ampla, dividirei os períodos entre antigo, moderno e contemporâneo – ou pós-moderno, como comprovarei mais tarde. A ideia é traçar comparações entre momentos distintos e procurar similaridades entre eles no controle à violência.

Por isso, neste ensaio, embora haja campo para explorarmos acerca de diversos âmbitos, procurar-se-á não entender por que os estádios foram concebidos de tal forma, mas por que eles precisaram ser reformados, reconstruídos, repensados.

1 DEFESA: A VIOLÊNCIA E OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Para a análise de qualquer forma de violência no esporte urge, antes de mais nada, entender o esporte a partir da definição de Norbert Elias. O autor acredita que

“o desporto é (...) uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planear. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido.” (ELIAS, 1992, p. 243)

A partir disto, podemos entender o esporte como uma forma de expressar a violência, respeitando uma série de regras, sem consolidá-la de fato. De certa forma, a disputa esportiva é uma forma de matar por procuração, onde a vitória sobre o adversário, seja por virtude atlética, estratégica ou racional, é uma forma de superá-lo hierarquicamente. É uma maneira de exercer o seu poder sobre o outro.

Contudo, essas disputas reacendem uma questão de controle, também considerado por Elias. Segundo ele, “um dos problemas com que se confrontavam as sociedades, no decurso do processo de civilização, era - e continua a ser - o de encontrar um novo equilíbrio entre o prazer e a restrição.” (ELIAS, 1992, p. 244) Ou seja, a forma de manter o confronto dentro das regulamentações estabelecidas e cercear qualquer tipo de violência que exceda este âmbito. Se a disputa acontece dentro de um gramado, delimitado por linhas e baseado em regras específicas, devo manifestar meu prazer transferindo meus sentimentos para lá. No entanto, por vezes, esses sentimento extrapolam os limites aceitáveis - e, nesses casos, manifestações de violência “explícita” são realizadas.

É preciso destacar que este artigo não pretende dissecar os tipos de violência. Somente Eric Dunning lista oito tipos de violência a partir dos meios utilizados para externá-la, dos motivos dos atores e dos níveis de intencionalidade envolvidas, e dos parâmetros sociais envolvidos (DUNNING, 1992, p. 329-330). Neste ensaio, considerarei qualquer forma de expressão da violência, bem como atos que, a priori, são ausentes de motivações violentas, mas que resultaram em casos de tragédia no futebol. Entretanto, vale destacar, a violência avaliada será a que está relacionada com o espaço do jogo, visto que o controle dela está no cerne das edificações esportivas.

A concepção de um espaço que receba de forma organizada um público para assistir a uma disputa esportiva envolve diversos fatores: sua localização, os meios de transporte que o farão chegar ao local, de que maneira será assistido o jogo, quem o assistirá. Mas há, em essência, uma necessidade de controle para que a ação se concentre no campo de jogo. E o próprio estádio exerce uma forma de controle do público para que ele se limite a si próprio.

1.1 TRAGÉDIAS

Conforme apresentado, a violência é manifestada, no ambiente futebolístico, de diversas formas: um cântico ofensivo, uma bandeira com ordens racistas, nacionalistas ou sexistas, uma supressão de direitos básicos por parte de autoridades. No entanto, este artigo fundamenta-se naqueles atos de violência que resultaram em grandes tragédias¹.

Entre as principais registradas ao longo da história, subdivido-as de acordo com suas causas: *desabamentos* de arquibancadas, muros e grades que separam os setores do estádio; *pânico* envolvendo pessoas que morreram pisoteadas ou esmagadas contra as paredes; e *asfixia*, causada por elementos químicos (gás lacrimogêneo) e falta de oxigenação em determinados espaços. É claro que, em muitas ocasiões, as tragédias contemplam mais de uma causa. Assim como há pessoas que morreram de maneiras distintas em um mesmo desastre. De qualquer forma, o que é evidenciado neste trabalho são as consequências destes atos, resultantes em mortes. Vale destacar também que essas tragédias originaram um número bem superior de pessoas feridas, mas esses dados foram omitidos pelo fato de os números relacionados às fatalidades serem demasiados absurdos. Não obstante, é plausível supor que, em todos os casos, o número de feridos é igual ou superior ao de mortos.

Entre os casos de *desabamento*, foram buscados os seguintes acontecimentos de acordo com o ano, local (cidade e/ou país) e número de vítimas: 1902, em Glasgow, na Escócia, 25 mortos; 1946, em Bolton, na Inglaterra, 33 mortos; 1974, no Cairo, no Egito, 49 mortos; 1978, em Gana, 15 mortos; 1981, na Colômbia, 18 mortos; 1982, em Argel, na Argélia, 10 mortos; 1988, em Trípoli, na Líbia, 30 mortos; 1992, em Bastia, na França, 15 mortos; 1996, na Cidade da Guatemala, na Guatemala, 84 mortos; e em 2007, em Salvador, no Brasil, sete mortos.

Para os casos de *pânico*, foram encontrados os seguintes dados: 1979, na Nigéria, 24 mortos; 1981, na Grécia, 24 mortos; 1982, em Cali, na Colômbia, 46 mortos; 1982, Moscou, na Rússia, 66 mortos (extra-oficialmente, são especuladas 340 vítimas, mas os números não foram comprovados); 1985, na Cidade do México, 10 mortos; 1988, Katmandu, no Nepal, 93 mortos; 1989, também na Nigéria, 12 mortos; 1991, em Transvaal, na África do Sul, 40 mortos; 1996, na Zâmbia, nove mortos; e em 2011, em Port Said, no Egito, 79 mortos. Este último foi incluído por ter ocorrido durante uma partida de futebol e envolvido torcidas adversárias do Al-Masry e do Al-Ahly. No entanto, as suspeitas maiores sobre a motivação do fato recaem sobre a crise política pela qual o país atravessava no momento².

¹ Tragédia é entendida, aqui, como sinônimo de catástrofe, e que tenha sido causada por algo ou alguém. Apesar de haver registros relacionados a mortes em série decorrentes de desastres naturais, estes não foram considerados neste artigo.

² Em 11 de fevereiro, 10 dias depois do incidente, o então presidente Hosni Mubarak renunciou ao cargo, após forte pressão popular.

Já os fatos causados por asfixia, destacam-se: 1964, em Lima, no Peru, 318 mortos; 1968, em Buenos Aires, na Argentina, 74 mortos; 1985, em Bruxelas, na Bélgica, 38 mortos; e em 2001, em Accra, em Gana, 126 mortos. Embora as duas primeiras tenham sido motivadas por revoltas iniciadas pelas torcidas nas arquibancadas, as mortes ocorreram após a intervenção da polícia na tentativa de conter os agressores. Ao encerrar os manifestantes, prenderam-nos em uma área sem circulação de ar e não permitiram a saída deles do estádio. A Tragédia de Heysel, na Bélgica, talvez seja a mais conhecida de todas, e uma das poucas motivadas pela violência dos torcedores. Adeptos do Liverpool, hooligans foram ao país assistir à final entre o seu time e a Juventus, da Itália. Em Heysel, ocuparam uma área que havia sido destinada aos italianos e os pressionaram para que saíssem do local usando da força física. Na tentativa de fuga, os *tifosi*³ forçaram a queda de um muro, vitimando 38 pessoas. O jogo aconteceu, com a vitória da Juventus por 1 a 0, e os clubes ingleses foram impedidos de disputar competições europeias nos cinco anos subsequentes.

1.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ESTÁDIOS

Ao longo dos anos e em diversos países, conforme avançava a popularização do esporte, avançava também a necessidade de adequar o espaço físico à sociedade local. GIULIANOTTI (2010, p.93-96) recupera que poucos países com tradição futebolística deram o tratamento adequado a seus campos de jogo. Segundo ele, em 1993, cerca de 78% dos estádios ingleses – 70 dos 92 principais campos – datavam de um período anterior à Primeira Guerra Mundial. Na Escócia, o número era semelhante: 28 dos 38 estádios, aproximadamente 73%. Essas arenas possuíam, como elementos destacados, as arquibancadas abertas, tribunas estilizadas e ficavam em locais próximos ao transporte público – ferrovias preferencialmente. A estes estádios, denominaremos de *estádios tradicionais*.

Os que vieram a seguir, após o período das guerras, serão chamados neste artigo de *estádios modernos*, pois tinham uma arquitetura funcional. As arquibancadas passaram a possuir assentos, em oposição ao público em pé e de massa do período anterior. Áreas destinadas a outros esportes, com pista atlética, passaram a ser incluídas nos desenhos. E muitos foram construídos em locais isolados, distantes das regiões centrais, quando o transporte individual passou a ser prioritário. No caso brasileiro, como veremos mais adiante, os cinco estádios que foram mantidos datam deste período. O mais antigo dos 12, o Maracanã, foi inaugurado em 1950 para a primeira Copa no país. O mais novo, a Arena da

³ Expressão italiana para se referir aos torcedores daquele país.

Baixada, é o único construído após 1975 – foi reinaugurado em 1999. Todos concebidos “com base no princípio de aglomeração de massas.” (GIULIANOTTI, 2010, p.95)

Após 1990, com as medidas tomadas na Inglaterra em decorrência do Desastre de Hillsborough⁴, os estádio passaram a seguir normas que determinam a forma com que eles são concebidos atualmente. A recuperação dessas características está presente, em boa parte, nas demandas da FIFA para a construção ou reforma das atuais arenas conforme veremos a seguir.

2 MEIO-DE-CAMPO⁵

O Relatório Taylor não foi o primeiro documento criado a partir de investigações acerca da violência nos campos de futebol. Anteriormente, o Relatório Wheatley, em 1971, avaliou as medidas de segurança de multidões a partir do Desastre de Ibrox, em que 66 espectadores morreram asfixiados durante o clássico conhecido como Old Firm entre Rangers e Celtic, em Glasgow. Já em 1985, o Relatório Popplewell examinou as causas de um incêndio no Valley Parade, em Bradford, que deixou outras dezenas de mortos.

2.1 RELATÓRIOS

O Relatório Taylor, no entanto, teve consequências mais efetivas. A primeira recomendação foi que clubes da primeira e segunda divisão inglesa e escocesa tirassem as cercas que separavam os setores do estádio. “Essa medida arquitetônica (...) significou (...) uma pequena, mesmo que atrasada, vitória dos torcedores sobre os cartolas, a polícia e as autoridades políticas, em relação ao controle do espaço do campo.” (GIULIANOTTI, 2010, p.105)

Outra medida importante está relacionada à forma com que os espectadores deveriam assistir às partidas. Em quatro anos, todos os clubes deveriam disponibilizar assentos para o público. A consequência desta iniciativa foi o aumento no valor dos ingressos durante a temporada. “O trabalho de reforma reduziu significativamente a capacidade dos estádios (...) Os clubes passaram a considerar assentos como recursos escassos, aumentando o preço dos ingressos em temporadas e reduzindo a oportunidade

⁴ Também conhecido como *tragédia de Hillsborough*, ocorreu em 15 de abril de 1989 em Sheffield, na Inglaterra. Morreram 96 pessoas durante uma partida entre o Liverpool e o Nottingham Forest. O evento deu origem ao Relatório Taylor, uma investigação feita pelas autoridades britânicas para descobrir as causas do desastre, e que gerou um documento que serve de base para a construção dos estádios contemporâneos.

⁵ As informações contidas no presente capítulo foram buscadas nos portais online portal2014.org.br, copa2014.gov.br e no site oficial da FIFA. As capturas foram realizadas entre os meses de março e maio de 2012.

de comprá-los na bilheteria. (...) Esses aumentos de preços e o acirramento das desigualdades de renda, (...), garantem que, a partir de agora, cada vez mais é menos provável que os maiores estádios recebam seu antigo público da classe operária (...) (GIULIANOTTI, 2010, p.107-8)

Em boa parte, estas recomendações foram adotadas pela FIFA em todo o mundo. A listagem das exigências da entidade para que um estádio tenha condições de receber um evento promovido por ela (no caso do Brasil, a Copa do Mundo e a Copa das Confederações) ficou conhecida no país como Caderno de Encargos. O documento oficial é conhecido, contudo, como Requisitos e Recomendações Técnicas⁶. São 248 páginas de instruções aos organizadores sobre como proceder para atender às exigências da Federação. Nem todos são necessários para a avaliação feita neste artigo acerca das formas de contenção à violência, mas acredito ser interessante sublinhar todos os itens para compreender de forma mais ampla como o espaço físico é pensado pelo órgão gestor do esporte.

2.2 CADERNO DE ENCARGOS

O manual lista 10 requisitos considerados básicos – embora, como o nome indica, sejam recomendações. É possível que a entidade avalie subjetivamente caso algum item não seja atendido de forma plena. O primeiro versa sobre as **[1] decisões pré-construção**. A FIFA pede um estudo de viabilidade e impacto na região onde será erguida a nova arena. Ela ainda sugere que haja um mínimo de 30 mil assentos para jogos internacionais, 50 mil para um jogo de final de Copa das Confederações e 60 mil para a final de uma Copa do Mundo. Em relação à localização, é recomendado que existam estacionamentos próximos, bem como opções de transporte público – metrô, ônibus e aeroporto. Centros comerciais e hotéis também são sugeridos.

A **[2] segurança** é esmiuçada em um item exclusivo. As indicações de entrada, saída, escadarias, portas e rotas de fuga devem estar sinalizadas corretamente de acordo com o código universal. É destacado ainda que os portões devem possuir abertura do interior para o exterior, e que os mesmos devem manter-se destrancados enquanto houver público dentro do estádio. Também é pedido que haja um sistema de controle e monitoramento panorâmico das áreas internas e externas. Uma sala para atendimento médico também é exigida.

O terceiro item regula a **[3] orientação do campo e estacionamento**. Seguindo o mesmo compêndio de regras internacionais de sinalização, as direções para que se chegue

⁶ A denominação original, em inglês, é *Technical Recommendations and Requirements*.

ao estádio devem estar indicadas no ingresso e nas dependências próximas ao local do evento, bem como a indicação dos assentos na parte interna. Um adendo à regra sugere que uma cerca deva ser colocada no perímetro externo para que haja vistoria e triagem das pessoas que circulam pelo local. Uma segunda parte do processo deve ser feita nos portões de entrada.

Sobre o estacionamento, o estádio deve oferecer 17,5% de vagas em relação à capacidade total. No caso de um estádio com capacidade para 60 mil espectadores, deve haver 10 mil vagas para carros e outras 500 para ônibus particulares. Caso o estacionamento não seja adjacente ao campo, é permitido que esteja colocado em um raio de 1,5 quilômetro. O documento sublinha que um espaço deva ser destinado ao hospitality parking para “convidados VIP” – em outro item, os integrantes deste espaço são descritos como special guests and commercial partners⁷. As delegações devem possuir ao menos duas vagas de ônibus e oito de carro, dentro do estádio, próximas aos vestiários e isoladas do público. Integrantes de veículos de mídia devem ter reservado uma entrada exclusiva, com sala de imprensa de 30m². Caminhões de transmissão TV, para a final da Copa, devem ter entre 3 mil e 5 mil m² de área disponível, em local adjacente, segurança reforçada e sistema independente de geração de energia. A mesma ideia, sem limitação de espaço, é dada para os veículos de transmissão via satélite. Veículos de emergência e segurança devem estacionar em área adjacente ou no interior do estádio, em posição que permita um rápido escoamento do público. Um heliporto próximo também é sugerido.

O item seguinte dispõe as regras acerca de **[4] área de jogo**, baseadas na regulamentação oficial do esporte: campos com 105m de comprimento por 68m de largura. O tipo de grama não é determinado, mas se exige inspeção prévia. A separação do gramado com a arquibancada não deve ser feita por barreiras. O controle do acesso deve ser feito por seguranças particulares e policiais a fim de evitar invasões. Outras formas de controle sugeridas pela FIFA são a elevação da arquibancada em relação ao gramado e a construção de um fosso. Os bancos de reserva fazem parte da mesma indicação, sendo dois com capacidade para 22 pessoas cada dispostas em paralelo. Placas de anúncios publicitários devem estar entre 4 a 5m da linha lateral, 5m atrás do gol e 3m da bandeira de escanteio, e entre 90 centímetros e 1m de altura.

Os **[5] vestiários** devem ter uma área de entrada exclusiva e possuírem itens idênticos em ambos – para anfitriões e visitantes. A área mínima é de 150m² para os jogadores e 24m² para os treinadores, a mesma para os árbitros. O túnel de acesso deve ter um mínimo de 4m de largura e 2,2m de altura. Em partidas internacionais, o ideal é uma

⁷ Em tradução livre, “convidados especiais e parceiros comerciais”.

largura de 6m. Os árbitros e os jogadores de cada time devem ter acessos individuais ao campo. Próximo aos vestiários deve haver duas áreas para aquecimento com 100 m² cada.

Elementos relacionados ao conforto dos **[6] espectadores** fazem parte do sexto item da listagem. A cobertura é desejável em locais com alta incidência de sol e de climas frio ou úmido. O estádio deve ter assentos individuais e afixados à estrutura da arquibancada, com largura mínima de 47cm e encosto de pelo menos 30cm de altura. A distância mínima entre as poltronas é de 85cm. Mais uma vez, assentos para o público VIP possuem distinções, como ter localização central e separada das cadeiras do público geral. A visibilidade do campo é considerada essencial, não sendo permitidos “pontos-cegos”. Devem haver pelo menos cinco pontos de venda para cada mil espectadores, e projetados de forma que não obstrua a circulação no estádio. Todos os setores devem ter rampas para portadores de deficiência, sanitários adaptados e serviços de apoio, assim como portão de entrada exclusivo.

O item **[7] hospitalidade** recupera outros elementos anteriormente apresentados, como o setor VIP e áreas comuns, e acrescenta especificações para camarotes e suítes para até 20 pessoas. Um setor denominado VVIP⁸ é reservado a dirigentes da federação e do Comitê Organizador Local (COL). Outras condições especiais são detalhadas para que parceiros comerciais e patrocinadores tenham preferências em dias de jogos. Assim como eles, a **[8] mídia** recebe atenção especial para divulgar a marca do evento – visto que o termo Copa do Mundo é uma marca registrada pela FIFA. Por isso, as cabines de imprensa devem ter localização central no estádio, com múltiplas conexões de energia, telefone e Internet. Para as finais da competição, é exigido um mínimo de 50 cabines de rádio e televisão para três pessoas e ao menos três estúdios de 25m² cada de fácil acesso. Entrevistas coletivas devem ocorrer em espaços exclusivos de, no mínimo, 100m² e entrevistas no gramado devem ocorrer nas zonas mistas com espaço individual de 2,5m². Uma das últimas integrantes do manual são as Flash Interview Positions, uma espécie de placa com fundo transparente entre os vestiários e o campo para entrevistas na saída do jogo.

A **[9] iluminação** e suprimentos de energia são instruções para o fornecimento de energia elétrica durante o evento. A federação recomenda o uso de um gerador próprio e um sistema alternativo com capacidade de reserva para três horas. As especificidades em relação à quantidade de luz fornecida variam de jogos nacionais para internacionais. Por fim, a **[10] comunicação** e áreas adicionais estabelecem as exigências em relação aos recursos oferecidos internamente: tipo de conexão de Internet utilizada, conexões elétricas e

⁸ Em ingles, *very-very important person*, ou pessoa muitíssimo importante.

eletrônicas, linhas telefônicas. Outros departamentos, como almoxarifado, escritórios e salas de reuniões, também são explicados neste item.

3 ATAQUE

Recuperando a classificação de Giulianotti (2010, p.112), as indicações da FIFA determinam uma organização dos estádios de forma que podemos classificá-los como *estádios pós-modernos*. Entre as características apresentadas, podemos destacar a forma de “olhar” do espectador. O autor acima referido utiliza-se do conceito de Michel Foucault (Ibidem 2010, p. 109-10) para definir a forma como o espectador “enxerga” o jogo dentro do estádio. Nas arenas pós-modernas, a visão panorâmica e desobstruída permite um conhecimento mais completo dos acontecimentos. Ao contrário da forma de atuação da torcida em períodos anteriores, atualmente, a interação é mais passiva e menos interventora. A visão comprometida do torcedor antigo dava a ele outras funções, como desfaldar bandeiras ou entoar cânticos de apoio.

De forma contrária, mas não oposta, o controle desses espectadores também ocorre. Em vez de uma massa uniforme, segregada internamente, há indivíduos distribuídos de forma organizada em uma arquitetura circular. Assim, o “olhar” desobstruído passa a ser das autoridades acerca do público. Neste caso, “a visão é a fonte de poder” (GIULIANOTTI, 2010, p. 111). A definição do autor é apropriada de Foucault, assim como este utilizou da definição do filósofo utilitarista Jeremy Bentham sobre o “panóptico” para explicar sobre as técnicas de controle social modernas. Espaços públicos passaram a ser colocados em prédios “onde o público é individualizado e passível de ser inspecionado” (GIULIANOTTI, 2010, p.111). A relação é lógica se recuperarmos as sugestões da FIFA sobre os estádios com assentos personalizados e áreas de fiscalização e revista no entorno.

Outra forma de controle do público acontece através do que Giulianotti (2010, p.113) define como “museificação” dos campos. Grandes áreas de compras (como tendas que comercializam produtos do clube) espalhadas no entorno do estádio, lojas, bares, restaurantes e zonas de lazer tornam o espectador também em consumidor. É comum em estádios que já passaram por essas mudanças antes dos brasileiros de ter um grande público fora do estádio até mesmo durante uma partida. Isso também é alegado nos projetos de construção dos novos estádios. Os organizadores buscam manter o local atrativo ao público até mesmo em momentos em que não há o jogo de futebol. No Estádio de Anfield, do Liverpool, por exemplo, há um setor no museu do clube em que são reproduzidas imagens da torcida que fica no setor conhecido como The Kop (de público de classe

econômica baixa) cantando *You'll Never Walk Alone*⁹. Uma provocação a esta condição é feita pelo filósofo francês Jean Baudrillard, que destaca o fato de inúmeras pessoas buscarem a representação do fato, mesmo que o fato não esteja rigorosamente ocorrendo:

Ninguém viveu de fato as peripécias do jogo, mas todo o mundo pode captar a imagem. Tornou-se um acontecimento puro, fora de toda a referência natural, do qual também poderia ser dado o equivalente em imagens sintéticas. (...) Assim, as próprias questões da política desenvolvem-se de certa forma diante de um estádio vazio (a forma vazia da representação), de onde todo o público real foi expulso porque suscetível de paixões muito vivas, e de onde só emana uma retranscrição televisual (as telas, as curvas, as sondagens). (2008, p. 88)

O controle espacial, portanto, passa a ter papel fundamental na definição dos estádios pós-modernos. Dentro deles, foram rompidas e eliminadas todas as barreiras físicas. Aparentemente, a separação da audiência do campo de jogo não é feita por muros ou grades. No Brasil, contudo, e por conviência da FIFA, devem-se ser adotados vãos profundos entre o gramado e as tribunas. O público ficará bem mais próximo que outrora, e com separações menos grosseiras, mas continuará tendo sua circulação controlada. Funcionários do órgão organizador e até mesmo a polícia devem realizar a separação entre o palco de ação central da partida das arquibancadas.

Cabe aqui ressaltar a contradição apresentada por Giulianotti. As grandes tragédias, até mesmo as que foram responsáveis pela transformação dos estádios, aconteceram não em razão da violência dos torcedores ditos violentos, mas pela tentativa frustrada de conter esses torcedores. Segundo o autor, “a ilusão de segurança é elaborada de maneira mais organizada, de modo que a *falta de ação* da polícia pode ser ao mesmo tempo fatal” (2010, p.101). Por que, então, esses “torcedores violentos” foram afastados?

O fator econômico é importante, mas não determinante para termos esta resposta. De acordo com a avaliação de Eric Dunning, Patrick Murphy e John Williams, grande parte dos torcedores *hooligans*¹⁰ do Reino Unido do século passado eram “adolescentes e jovens do sexo masculino dos setores ‘rudes’ das classes trabalhadoras de nível mais baixo” (1992, p. 386-7). Com o alto preço do ingresso, a maioria desses torcedores foi afastada do estádio de futebol, mas não se afastaram do esporte. Da mesma maneira, as formas de cerceamento foram “amenizadas”, mas seguem existindo.

⁹ Canção popular adotada pela torcida e pelo clube como hino não-oficial.

¹⁰ Torcedores britânicos associados a atos violentos entre a metade e o fim do século XX. O termo também é usado como sinônimo a torcedores *ultras* de outros países, que utilizam da intimidação e da agressão para exercer seu poder sobre outros torcedores.

PÊNALTI

Há, então, no mínimo, três fatores explorados ao longo do artigo que caracterizam os estádios contemporâneos: a ausência de separação física entre os setores – neste caso, de muros e grades, como as que causaram as grandes tragédias ao longo da história; o “olhar” do torcedor – a forma como ele vê o jogo e como é visto; e o incremento de outras atividades no espaço do estádio que não o próprio jogo de futebol.

Vamos, logo, concentrar-nos agora não em quem “está” no estádio, mas em quem “não está”. O segmento associado ao *hooliganism* está pouco ou nada incluído nas novas arenas. Em alguns casos, as áreas de “menor” visibilidade são reservadas a esse público. No entanto, nem todo o público capaz de ocupar a capacidade total do estádio está lá. Muitos substituem as facilidades internas pelo conforto de casa. Não à toa a média de público da televisão cresce inversamente à presença da torcida nos estádios. Aqui, conforme GIULIANOTTI, destaca-se que “(...) a qualidade das instalações do estádio pode ser julgada não em comparação a outros modelos ou conceitos de associação pública, mas de acordo com o espaço de lazer privado e idealizado do sofá junto à família. (2010, p.114).”

É o que poderemos perceber nos próximos anos com a finalização das arenas. O estádio de futebol será apenas um dos espaços reservados à prática esportiva. Os torcedores, entretanto, não estarão reservados apenas a este espaço. O jogo, propriamente dito, acontecerá independente de que forma ele será assistido. Em alguns casos, como já visto na história, a violência faz com que os jogos sejam disputados em estádios vazios. O jogo, segue existindo. A audiência, segue existindo em outros lugares. E o estádio, segue existindo, mesmo que ninguém o ocupe.

A tendência, com isso, é que poderemos considerar que os estádios receberão dezenas de milhares de torcedores reais. Em oposição, os torcedores ausentes não serão irreais, como se poderia pensar, mas hiperreais. Pessoas que exploram as dependências do local antes, após e até mesmo durante uma partida, mas que estão “fora” do cenário da disputa. Que habitam aquele espaço não pelo jogo, mas pelas simulações feitas por ele nos telões, *fan fest*¹¹ ou lojas próximas. Neste caso, o “olhar” é um olhar simulado por meio das câmeras, das decisões do diretor de imagens, do volume de som captado. Como referendaria Baudrillard, “a pornografia do futebol envolve múltiplos ângulos de câmeras que nos possibilitam ver partidas em minúcias, mas frequentemente detalhes inúteis” (Giulianotti, *ibidem*, p. 114).

¹¹ Locais instalados em áreas públicas para reunir o público que não teve acesso ao estádio, em que é instalado um telão para a transmissão da partida e a programação oficial do órgão promotor. Em alguns casos, é cobrado o ingresso, como uma extensão do estádio convencional.

APÊNDICE

A Copa do Mundo do Brasil será a maior da história em quantidade de sedes. Serão 12 cidades das cinco regiões que receberão o evento: Porto Alegre e Curitiba, no Sul; São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, no Sudeste; Cuiabá e Brasília, no Centro-Oeste; Fortaleza, Natal, Recife e Salvador, no Nordeste; e Manaus, no Norte. Os estádios são¹²:

- Beira-Rio (Estádio José Pinheiro Borda), em Porto Alegre/RS
- Arena da Baixada (Estádio Joaquim Américo Guimarães), em Curitiba/PR
- Arena Corinthians (Arena São Paulo), em São Paulo/SP
- Maracanã (Estádio Jornalista Mário Filho), no Rio de Janeiro/RJ
- Mineirão (Estádio Governador Magalhães Pinto), em Belo Horizonte/MG
- Mané Garrincha (Estádio Nacional de Brasília), em Brasília/DF
- Arena Pantanal, em Cuiabá/MT
- Fonte Nova (Arena Fonte Nova), em Salvador/BA
- Arena Pernambuco, em Recife/PE
- Arena das Dunas, em Natal/RN
- Estádio Castelão (Estádio Governador Plácido Castelo), em Fortaleza/CE
- Arena Amazônia, em Manaus/AM

Do total, como foi antecipado na introdução deste artigo, cinco estão sendo reformados para se adequar às exigências da FIFA para o mega-evento e cinco estão sendo construídos desde sua fundação. O estádio Mané Garrincha, em Brasília, e a Fonte Nova, em Salvador, foram demolidos e estão sendo reconstruídos.

¹² Em ordem: nome popular utilizado pelo autor, nome oficial, cidade e estado onde está localizado.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 2008.

ELIAS, Norbet, e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FIFA, *Football Stadiums – Technical recommendations and requirements*. Zurique: 2007

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

pt.fifa.com

www.portal2014.org.br

www.southyorks.police.uk/sites/default/files/foi/significantpublicinterest/hillsborough%20stadium%20disaster%20final%20report